

ilustrada

Inteligência artificial produz biografias falsas

Obras sobre nomes como Norman Lear e Toby Keith invadem a Amazon com preços baixos e informações duvidosas

Elizabeth A. Harris

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES. Após a morte de Joseph Leyveld, ex-editor executivo do jornal The New York Times, no mês passado, seu irmão Michael Leyveld recorreu à internet para ver como ele estava sendo lembrado. Encontrou obituários nos principais veículos de notícia, como esperado. Mas também encontrou outros retratos inesperados de seu irmão. Pelo menos meia dúzia de biografias foram publicadas na Amazon logo nos primeiros dias seguintes à morte de Leyveld. Várias delas estavam disponíveis para compra no próprio dia em que ele morreu. Os livros, ele afirmou, descreviam seu irmão como um fumante inveterado, que apimorou as suas habilidades no Cairo e trabalhou como repórter no Vietnã — informação que não é verdadeira.

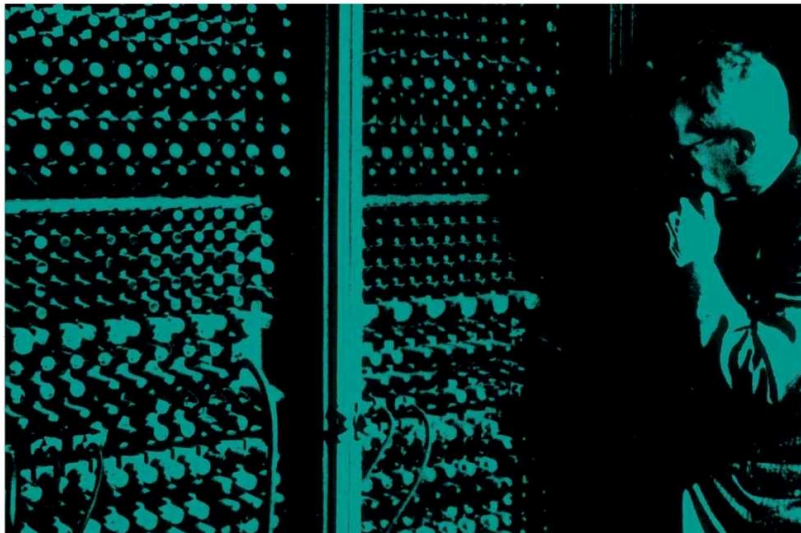
“Quem lucrar com a sua dor”, disse Michael Leyveld. Livros como esses fazem parte de um novo subgênero macabro de publicação — biografias apressadas e de qualidade duvidosa, geradas por inteligência artificial, de pessoas que acabaram de morrer. Entre as biografias que surgiram logo após a morte de Leyveld estava “Mém da Asinatura Devedando-o Geração de Joseph Leyveld, o Homem que Fumou seu Caminho para a História”. De acordo com o GPTZero, um programa que detecta textos gerados por inteligência artificial, há 67% de chance de que o livro tenha sido escrito por um robô. Tom Smothers, do programa de televisão “Smothers Brothers Comedy Hour”, da década de 1960, foi outro assunto recente. O comediante morreu em 26 de dezembro e, no mesmo dia, um novo livro com um título desajeita-

do e gramaticalmente incorreto ficou disponível no site da Amazon, “Tom Smothers: Revelando Quatro Verdades Não Contadas Sobre a Morte dos Irmãos Smothers”. Toby Keith, uma estrela da música country, também teve biografias que surgiram após sua morte em Oklahoma este mês. Uma delas veio com um aviso incomum: “O autor e editor não dão garantias sobre a precisão ou completude do conteúdo”, dizia. “Qualquer semelhança com pessoas reais é mera coincidência”. Alguns desses livros, a exemplo de “Chita Rivera: Biografia e Memórias de Chita Rivera, a Estrela de Amor Sublime Amor”, estavam disponíveis no Kindle Unlimited, que paga aos autores por visualização de página. Outros títulos podem ser comprados na versão para Kindle ou em brochura por alguns poucos dólares. Por US\$ 2,25, ou cerca de

RS 10, os clientes poderiam adquirir uma cópia para o Kindle de “Biografia de Norman Lear, uma Lenda da TV que Morreu aos 102: Uma Biografia da Lenda da Comédia Norman Lear, com Legado, Conquistas e Coisas que Você Provavelmente Não Sabe sobre Ele”. A Amazon se recusou a responder perguntas sobre as vendas desses livros, mas suas publicações não parecem ser um negócio robusto. Poucos deles tinham avaliações de clientes, e aqueles que tinham se saíam mal. Leitores descrepionados descreveram um livro como “um panfleto de 60 páginas”, outro como “um folheto glorificado” e um “roubo”. Mesmo que vendidos por valores tão baixos, a facilidade de criar esses livros pode valer a pena se o seu volume de vendas for alto o suficiente. Um autor, chamado de Bettie Melton, publica vários livros por mês. Alguns dos títulos re-

centes lançados sob esse nome incluem biografias de celebridades mortas recentemente, como Henry Kissinger e o músico Myles Goodwyn, bem como volumes sobre pessoas que ainda estão muito vivas, como o treinador de futebol Bill Belichick. “É estatisticamente quase impossível que esses livros tenham sido escritos por humanos”, afirmou Edward T. an, fundador do site GPTZero. As diretrizes de publicação do Kindle, na Amazon, exigem que autores e editores informem à empresa se seu conteúdo é gerado por inteligência artificial. Lindsay Hamilton, porta-voz da Amazon, disse que a empresa permite a venda de livros gerados por IA em seu site, a menos que criem “uma experiência ruim para o cliente”. Quando alertada sobre várias biografias incluídas neste artigo — que, de acordo com o GPT-

Zero, são todas muito provavelmente criações de IA — a Amazon logo as removeu. “Nós temos medidas proativas e reativas para avaliar o conteúdo em nossa loja e removemos vários títulos que violaram nossas diretrizes”, afirmou a porta-voz do site. A Amazon disse que não poderia fornecer informações de contato para aqueles que publicam em seu site, e é difícil identificar quem produz esses livros. Frequentemente, nenhuma editora é nomeada, e o nome do autor parece falso ou até mesmo se parece com o nome de uma pessoa morta retratada na internet. Lori M. Graff, por exemplo, aparece no site como autora de livros sobre Keith e Leyveld, entre muitos outros. Contudo, no topo de uma pesquisa no Google por “Lori M. Graff”, aparece uma página com obituário de uma mulher que morreu em 2016.



Detalhe da ilustração de capa de 'Maniac', livro do escritor chileno Benjamin Labatut, publicado pela editora Todavia

‘Maniac’, livro sobre pioneiro da computação, fascina e repele

LIVROS

Maniac

★★★★★

Autor: Benjamin Labatut.
Trad.: Paloma Vidal Ed.
Todavia, R\$ 84,90 (360 páginas)

Reinaldo José Lopes

Nas prateleiras das livrarias ainda não se encontra o gênero “não ficção de horror”, mas não é por falta de esforço do chileno Benjamin Labatut. Com “Maniac”, livro no qual aborda a biografia do pioneiro da computação John von Neumann, morto em 1957, o escritor dá continuidade à crônica das revoluções científicas do século 20 que iniciou em sua obra anterior, “Quando Deixamos de Entender o Mundo”. O resultado fascina e repele em igual medida, dando a entender que alguns dos gênios dos últimos em anos chegaram à beira de um abismo existencial — e então resol-

veram dar um passo à frente. Ok, talvez o termo “não ficção” não seja o mais adequado; poderíamos falar em “biografia romancada”. O autor mistura de forma quase inconsciente a pesquisa histórica minuciosa e a recriação romanesca ao falar de von Neumann e de outros matemáticos, físicos e biólogos que se beneficiaram de seus “insights” para criar um mundo radicalmente diferente do que quase qualquer cientista na ativa em 1957 poderia ter imaginado. Não se trata de uma biografia linear. O texto de Labatut tem uma lógica próxima da do caleidoscópio ou da livre associação, em que a figura do protagonista é construída pelas impressões em primeira pessoa de parentes, amigos, maridos e desfeitos, sem que em nenhum momento a voz do matemático bingaro ame-

ra a ficar claro: talvez a cabeça de Neumann já nos Lajons — nome do cientista antes de sua mudança para os Estados Unidos — não fosse humana o suficiente para ser simulada falando em primeira pessoa. Talvez, assim como as formas de vida artificial cuja existência ele anteviu, von Neumann não pertencesse propriamente a este mundo. Recordando-me dele agora, era quase como se ele estivesse fazendo sua melhor imitação da forma como um ser humano comum anda, mas sem nunca ter visto um antes”, afirma Eugene Wigner, contrárrio do matemático e judeu secular como ele, ao narrar seu primeiro encontro com von Neumann, na escola, quando ainda eram meninos. Wigner é um dos elementos mais iluminadores da polifonia da narrativa. Ele revela, logo de início, que a estranheza do jovem colega se somava a

uma obsessão por racionalizar e descrever matematicamente cada aspecto do mundo e da condição humana. “Ele [von Neumann] confessou que não conseguia entender como tinha aprendido a andar de bicicleta — uma verdadeira proeza de estabilidade, equilíbrio e função motora coordenadas — sem nunca ter precisado usar a razão. Como seu corpo conseguia pensar sozinho?”, lembra Wigner. Essa obsessão levou von Neumann a buscar, sem sucesso, uma fundamentação indiscutível e sem ambiguidade para os elementos básicos da matemática. Mesmo derrotado nessa procura, seu insight sem igual foi de uma figura importante no desenvolvimento da primeira bomba atômica, ao lado de Robert Oppenheimer e de uma série de futuros ganhadores do Nobel, como Richard Feynman, o computador automático.”

Como o farto financiamento do complexo militar americano, von Neumann ajudou a criar um dos primeiros computadores científicos do mundo, o Maniac, do título do livro. A sigla significa “análisis matemático, integrador numérico computador automático”. Ao mesmo tempo, muitos

energizavam algo de tenebrismo e inconsequente, não racional, no comportamento do pesquisador, uma paixão de menino por jogos e máquinas de guerra e um estilo de vida hedonista, em que a bebida, a companhia feminina e os casos de luxo tinham destaque. “Johnny amava os Estados Unidos quase tanto quanto eu desprezava. Aquela paisagem alagada com ele. Todo aquele otimismo enlouquecedor e inflexível, toda aquela ingenuidade animada sob a qual eles escondiam sua crueldade, isso trouxe o pior dele à tona”, diz sua segunda mulher, a também matemática Klára Dán. Com o farto financiamento do complexo militar americano, von Neumann ajudou a criar um dos primeiros computadores científicos do mundo, o Maniac, do título do livro. A sigla significa “análisis matemático, integrador numérico computador automático”.

Von Neumann participou ainda da formulação da justificativa matemática para o “equilíbrio de terror” por trás da corrida armamentista nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética. A estratégia seria conhecida como MAD, acrônimo para “destruição mútua assegurada” e que também significa “loco”, em inglês. A ameaça atômica continua a pairar sobre a humanidade em 2024, mas talvez ainda mais perturbador seja o papel do protagonista na ideia de que máquinas poderiam se reproduzir por meio da capacidade de replicar as instruções para sua própria construção e funcionamento. São ideias vistas como centrais para duas revoluções, a da engenharia genética e a da inteligência artificial. Von Neumann imaginou que máquinas autorreplicáveis poderiam colonizar o universo em nosso lugar. Se a ideia ainda tem muito de ficção científica, é difícil não pensar nas ideias do avesso rápido da inteligência artificial hoje.